



A ENTRADA NA LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE: DOIS PROCESSOS ENTRELACADOS

Entrance in Language and subjectivity's constitution: two intertwined processes

Erika Parlato-Oliveira

Erika Parlato-Oliveira é doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Doutora em Ciências Cognitivas e Psicolinguística (EHESS-LSCP-FR). Professora adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenadora nacional do PREAUT-Brasil.

Algumas publicações: Parlato-Oliveira, E., Christophe, A., Hirose, Y. & Dupoux, E. (2010). Plasticity of illusory vowel perception in Brazilian-Japanese bilinguals. *Journal of the Acoustical Society of America*, 127(6), 3738-3748. Dupoux, E., Parlato, E., Frota, S., Hirose, Y. & Peperkamp, S. (2011). Where do illusory vowels come from? *Journal of Memory and Language*, 64(3), 199-210. Parlato-Oliveira, E.; Carvalho, D. (Orgs). *Clínica de bebês*. Editora Instituto Langage. São Paulo. 2010. Endereço eletrônico: eparlato@hotmail.com

Material recebido em 6 de junho e selecionado em 26 de junho de 2011

RESUMO

Neste texto apresento as implicações existentes entre dois processos fundamentais na organização do recém-nascido, a linguagem vinda do outro, sua mãe e os que perfazem o seu entorno, e a organização por parte do bebê de sua subjetividade, que é a forma pela qual ele interpretará os apelos internos e externos e a eles atribuirá sentido. Para tanto, torna-se necessário apresentar as dimensões da linguagem como campo de produção de significação do real e organizador da realidade de cada sujeito, e compreender como ela é adquirida pela criança, seja ouvinte ou surda. O propósito assim deste texto é sustentar que a fala oralizada ou gestual são formas de expressão da linguagem adquirida pela criança desde o momento em que ela começa a estabelecer as primeiras relações com o outro dotado de linguagem.

A constituição da subjetividade humana está atrelada à linguagem,

sendo estas duas tão entrelaçadas ao ponto de não fazermos uma distinção entre elas no próprio sujeito. Neste artigo sustentamos a tese que o sujeito é e está na linguagem, nas relações que estabelece a partir desta consigo mesmo, seu mundo interno e para com os outros, o mundo externo; para pensarmos o processo de constituição do sujeito.

É o falar através dos sons, dos gestos, das expressões e dos silenciamentos que compõem a linguagem humana. Esta forma de relacionar-se com este outro, que é o bebê, revela a ele a aposta que este outro tem para com ele, a de que ele virá a ser um sujeito dotado de capacidade de comunicar o que quer e o que se passa com ele, ou seja, fazer uso da linguagem para expressar o que sente e o que quer, condições fundamentais para a constituição da subjetividade.

Palavras-chave: Surdez. Relações mãe-bebê. A linguagem da criança. Comunicação não-verbal.

RESUMÉ

Dans cet article, je présente les implications entre deux processus fondamentaux dans l'organisation du nouveau-né; le langage qui vient de l'autre, de sa mère et de tout ce qui constitue leur environnement, et l'organisation par le bébé de sa subjectivité, c'est la façon dont il interprète les appels internes et externes et leurs attribuent une signification. À cette fin, il devient nécessaire de présenter les dimensions du langage comme un champ de signification de la production réelle et de l'organisation de la réalité de chaque sujet, et de comprendre comment elle est acquise par l'enfant, sourd ou l'auditeur. Le but de ce papier est donc soutenir que la parole ou les gestes sont des possibilités d'expression du langage acquis par les enfants au moment où ils commencent à établir la première relation avec un autre (une autre personne dotée du langage).

La constitution de la subjectivité humaine est liée au langage, et ces deux sont intimement liés au point de

ESPAÇO ABERTO

ne pas faire une distinction entre eux dans le sujet. Dans cet article, nous défendons la thèse selon laquelle le sujet est dans le langage, l'établissement de relations de ce lui-même, son monde intérieur et à d'autres.

Il parle à travers les sons, les gestes, les expressions et les silences pour constituer le langage de l'homme. Ce type de relation à cet autre, qui est le bébé, lui révèle le pari que cet autre a pour lui, il va devenir un sujet doué de la capacité de communiquer ce qu'ils veulent et ce qui va avec, ou d'utiliser un langage pour exprimer ce qu'ils ressentent et ce que il veulent, les conditions fondamentales pour la constitution de la subjectivité.

Mots-clé: *Surdité. Relations mère-enfant. Langage chez l'enfant. Communication non verbale.*

INTRODUÇÃO

Ser surdo, nascer surdo, coloca a pessoa numa situação extraordinária: expõe o indivíduo a uma série de possibilidades lingüísticas e, portanto, a uma série de possibilidades intelectuais e culturais que nós, outros, como falantes nativos num mundo de falantes, não podemos sequer começar a imaginar. Não somos privados nem desafiados linguisticamente como os surdos: jamais corremos o risco da ausência de uma língua, da grave incompetência lingüística; mas também não descobrimos, ou criamos, uma língua surpreendentemente nova.

Oliver Sacks

Neste texto apresento as implicações existentes entre dois processos fundamentais na organização do recém-nascido, a linguagem vinda do outro, sua mãe e os que perfazem o seu entorno, e a

organização por parte do bebê de sua subjetividade, que é a forma pela qual ele interpretará os apelos internos e externos e a eles atribuirá sentido. Para tanto, torna-se necessário apresentar as dimensões da linguagem como campo de produção de significação do real e organizador da realidade de cada sujeito, e compreender como ela é adquirida pela criança, seja ouvinte ou surda. O propósito assim deste texto é sustentar que a fala oralizada ou gestual são formas de expressão da linguagem adquirida pela criança desde o momento em que ela começa a estabelecer as primeiras relações com o outro dotado de linguagem.

A constituição da subjetividade humana está atrelada à linguagem, sendo estas duas tão entrelaçadas ao ponto de não fazermos uma distinção entre elas no próprio sujeito. Sustentamos a tese que o sujeito é e está na linguagem, no jogo que estabelece a partir desta consigo mesmo, seu mundo interno e para com os outros, o mundo externo.

Chamarei de 'jogo de linguagem' também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada. (Wittgenstein, 1994, p. 19)

Todas as relações estabelecidas são assim submetidas ao processo de codificação e decodificação da linguagem, não permitindo que o sujeito conceba um mundo dentro e fora da linguagem. As distinções feitas, entre o fora e o dentro pertencem ao campo da linguagem e só existem neste campo. O subjetivo do humano é a forma pela qual

ele trata das coisas por meio da linguagem que dispõe.

A constituição do subjetivo dar-se-á pela relação que este sujeito estabelecerá com o seu entorno linguajero. Este entorno proporciona ao ser em constituição as condições necessárias, ou não, para que ele possa fazer uso da linguagem na construção de sua subjetividade.

A linguagem revela para o bebê os objetos presentes no mundo e o seu próprio corpo, em um processo em que a apresentação destes universos é feita pelo conjunto complexo de mostrações que faz a linguagem por meio dos recursos visuais, táteis, auditivos e cinestésicos. Todos esses sinais são fundamentais para a constituição da linguagem, porém dada a plasticidade do humano, a ausência de um destes fatores fará com que os outros aspectos compensem a falta, possibilitando a constituição da linguagem, e uma vez constituída ela promoverá o campo da linguagem como naquele que dispôs de todos os fatores.

... tudo o que se pode designar, mostrar, ter sentido ou ser percebido é corpo ou sangue do próprio verbo. Desde então, o dado só será dado pela e na linguagem. (Serres, 2001, 187)

A linguagem é um todo de representações e significações para o sujeito e a sua fala é a forma pela qual ele a expressa para si mesmo e para o outro aquilo que compõe o seu campo de linguagem, o seu *corporeolinguagem*. Assim, não faz sentido dizer que a expressão dessa linguagem por meio da fala oral seja superior a uma outra que não seja expressa dessa forma, a forma da expressão não pode alterar a qualidade daquilo que ela expressa.

O BEBÊ ENVOLTO PELA LINGUAGEM

O bebê, mergulhado no mundo da linguagem, apreende as coisas pelo que elas lhe proporcionam de excitação sensorial, mas essas coisas que apelam aos seus sentidos são significadas pela linguagem do outro que as nomeiam pela fala, pelos gestos, pelas expressões e pelo silêncio.

Todas as formas de nomeação pela linguagem são dotadas de uma complexidade semiótica e concorrem para que haja um sentido na coisa que está sendo nomeada. A comunicação por meio das palavras oralizadas é um dos veículos possíveis para o estabelecimento do sentido das coisas, mas são as nuances expressivas, gestuais e silenciosas presentes nessa comunicação que favorecem uma ou outra interpretação por parte do interlocutor no processo comunicacional.

Mas as palavras da mãe, e o mundo por trás delas, não teriam sentido para o bebê se não correspondessem a algo encontrado em sua própria vivência. A criança possui uma experiência de mundo independente que lhe é dada pelos sentidos, e é essa experiência que forma uma correlação ou confirmação da língua da mãe e, por sua vez, recebe dela seu significado. É a língua da mãe, internalizada pela criança, que permite a esta passar da sensação para o 'sentido', ascender do mundo perceptivo para o conceitual. (Sacks, 2000, p.74)

O que compõe a subjetividade advinda do campo da linguagem não está circunscrito somente à fala oralizada, mas sim a todos os elementos constitutivos do campo da linguagem que promovem a possibilidade de estabelecer sentidos e

produzir a comunicação. A subjetividade é marcada e constituída pelas nuances, e são elas que garantem as diferenças entre os sujeitos e são elas que nos permitem falar em subjetividade e não em objetividade.

CAMPO DA LINGUAGEM, FALA, LÍNGUA E COMUNICAÇÃO

A razão pela qual o campo da linguagem é comumente associado à fala humana, e tomando esta como sendo o único canal seguro para a comunicação, deve-se aos estudos, tradicionais deste campo, que trataram da fala em todos os seus aspectos, analisando-a e categorizando todas as suas possibilidades e manifestações orais.

Os estudos da fala, juntamente com a escrita, fizeram supor que eles eram os únicos representantes da comunicação e veículo do código linguístico historicamente constituído, a língua.

A fala, nessa perspectiva teórica, fala a língua e o interlocutor, em um processo dialógico, deve também dispor da mesma língua ou de condições físicas para dela participar. Para adentrar na linguagem seria então necessário ser capaz de ouvir a língua falada, o código essencial da comunicação humana.

Aliados a essa concepção os estudos iniciais acerca da aquisição da linguagem pela criança sustentavam um pressuposto de que a linguagem só poderia advir de uma intrusão feita por um outro desde fora, que, sabedor da língua e afeito à comunicação, introduziria a criança no universo da linguagem, e que suas produções iniciais não teriam nenhum valor linguístico e, em consequência

disto, não serviriam ao propósito da comunicação humana.

Essas teorias, ao sustentarem essas teses acerca da fala oral tomando-a como sinônimo de linguagem, fazem com que todo o complexo campo da linguagem fique reduzido a apenas um de seus elementos e exclua dessa possibilidade todos aqueles que, por um impedimento sensorial, fiquem alijados de produzir essa habilidade.

A linguagem humana assegura-se pela presença de um conjunto de regras formalizadas pela cultura que garantem uma compreensão pelos falantes da mesma língua. Essa legalidade da língua, porém, circunscreve apenas um campo de produção e execução da língua falada, mas não exclui as diferenças individuais presentes na fala de cada um dos falantes dessa língua. Assim, no conjunto de falantes de uma dada língua, encontra-se uma pluralidade de falantes distintos marcados por sua identidade vocal irreproduzível por qualquer outro ser.

A linguagem humana também, mesmo com sua codificação, faz uso, tal como o bebê, do suporte do corpo para estabelecer o valor da mensagem que procura transmitir. Assim, os gestos precursores da linguagem, presentes na linguagem do bebê, permanecem na linguagem dos falantes adultos como um complemento que assegura a significação da mensagem e a compreensão do interlocutor. Essa corporeidade da fala não se encontra somente na obviedade dos movimentos do tronco, dos membros superiores e inferiores e de músculos faciais, mas, sobretudo na intensidade imputada pelo falante nos sons por ele articulados. A tonicidade vocal produz uma musi-

ESPAÇO ABERTO ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

calidade prosódica essencial para o processo de produção e compreensão da linguagem humana.

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A linguagem dos bebês pode ser analisada de acordo com dois canais fundamentais para o estabelecimento de uma relação comunicativa entre os cuidadores e o bebê. O primeiro canal é o da produção de linguagem por parte do bebê, com seus sons e manifestações corpóreas, e o segundo refere-se à capacidade de percepção, por parte do bebê, da linguagem humana. Produção e percepção formam o binômio necessário para a construção da linguagem pelo bebê, isso desde os seus primórdios.

A produção do bebê, por sua vez, pode ser observada de duas formas: uma a partir da capacidade de vocalização do bebê, e outra, a partir das formas de produção comunicativa efetuada pela gestualidade do seu corpo.

Os sons emitidos pelo bebê têm dividido os pesquisadores que procuram a epigênese da linguagem humana, alguns afirmam que se trata apenas de uma experiência lúdica de descoberta do bebê, que assim como manuseia partes de seu corpo para conhecê-lo, manipularia a capacidade de fazer som a partir da saída de ar de seus pulmões, eles fariam assim uma espécie de brincadeira egocêntrica exploratória do seu corpo. Já um segundo

grupo toma essa produção de sons feita pelo bebê como um início da produção de linguagem. Essa produção é assim considerada, desde o início, como sendo intencionalmente voltada para a comunicação de estados internos de satisfação e de desconforto, bem como uma das formas mais eficazes de garantir que o outro permaneça ao seu lado e a forma exclusiva de requisitar e assegurar a presença do outro quando este se encontra distante ou mesmo fora do alcance visual do bebê (Piaget, 1978; Pinker e Jackendoff, 2005; Mehler, 1990).

A inabilidade motora do bebê, no que concerne à sua locomoção, exige dele um repertório de estratégias que garanta a sua vida. Na sua condição de extrema dependência dos cuidados do outro, o bebê humano precisa exercer um poder de atração para que os seus cuidadores não “esqueçam” de suas necessidades. Essas necessidades – alimentação, asseio, conforto e afeto –, exigem do bebê a criação de uma forma extremamente precoce de um repertório de linguagem que assegure o entendimento de seus cuidadores para com as suas necessidades. Ao começar a produzir os seus sons, desde o choro, o bebê estabelece para com o outro um canal de comunicação sonora que faz desse outro um tradutor especializado na linguagem produzida por este bebê (Mampe *et al.*, 2009).

No bebê ouvinte, essa linguagem sonora deve ser entendida como um protótipo da linguagem articulada humana, ou seja, ela é uma linguagem que tem como campo social somente os interlocutores voltados para ela, que buscam junto a este bebê uma compreensão

de sua linguagem. O bebê produz uma linguagem estrangeira individualizada sem nenhuma “pedra de roseta” que permitiria uma tradução pelo ouvinte. Este ouvinte cuidador e interessado em possuir um canal de comunicação junto a este bebê esforça-se em traduzir esses sinais sonoros do bebê para a sua língua materna, executando um trabalho duplo, de tradutor-intérprete, e ao mesmo tempo de “fornecedor” da língua materna para o bebê.

Seus sons articulados numa regra privada passam a ser um canal fundamental de comunicação e expressão de suas sensações e percepções. Para conhecer o bebê é necessário compreender a sua linguagem, que passa por essa fala primeira articulada com sons vocalizados de forma repetitiva, mas correspondentes às suas necessidades. Alguns estudos têm revelado que além de ter condições, desde o momento inicial da vida, de imitar o adulto, competência bastante favorável à aprendizagem, o bebê também tem condições de provocar o outro a se comunicar com ele (Nagy e Molnar, 2004).

A característica mais fascinante e fundamental dessa fala do bebê é a sua capacidade de torná-la a cada dia mais complexa, ou seja, sua condição *mutatis mutandi*. Essa condição faz com que o bebê vá incorporando ao seu repertório linguístico os sons que são emitidos para ele em resposta às suas produções. Produzindo uma articulação sonora que vai das simples vocalizações iniciais à produção da língua materna num curto período de tempo, de aproximadamente 18 meses, com um vocabulário que se expande de forma vertiginosa a partir dessa aquisição (Azcoaga, 1971).

O bebê surdo não compartilha da capacidade sensorial auditiva que permitiria a ele captar os sons advindos do seu entorno para organizar a fala oralizada. Esta é, porém a sua única limitação no campo da linguagem e que para ele não é ainda uma limitação ao passo que ele desconhece as possibilidades que a escuta poderia lhe oferecer. A limitação para o processo de produção da linguagem está presente no olhar do outro que, dotado da capacidade auditiva, concebe essa limitação como impedimento à comunicação e à produção de linguagem.

As capacidades sensoriais intactas do bebê surdo, aliadas à condição inerente ao humano (Pinker, 2004) de produzir linguagem, são elementos suficientes para que seja possível a construção da subjetividade na articulação com a linguagem.

O vazio expressivo, a descrença no outro, mais o silêncio advindo dos cuidadores ouvintes e falantes frente a este bebê surdo limitam a sua capacidade de reconhecer-se como outro de seu entorno. Esta condição de reconhecimento no outro, como o outro, fundamental para a organização subjetiva, é transmitida pela linguagem deste que se oferece para o bebê como aquele que o reconhece como sendo um outro para ele, ou seja, o bebê é para o outro aquilo que o outro passa a ser para o bebê. Ao não ser reconhecido como sendo este outro dos pais, o bebê reconhece-se como estranho e diferente deste outro.

Esta condição de estranho é veiculada pela linguagem daquele que mesmo ao não dizer de sua frustração revela no silêncio aquilo

que acredita ser este outro que não escuta. Acreditar que o bebê surdo dispõe de uma outra condição para a produção de linguagem remete os pais à condição de inadequados e incapazes de oferecer ao bebê as condições necessárias para que ele possa ser capaz de se organizar.

Outra forma de produção de linguagem feita pelo bebê, que irá complementar e assegurar a comunicação para o outro é a gestualidade corpórea. Ela garante, através dos movimentos aparentemente involuntários, a intenção do bebê de dirigir-se aos objetos e às pessoas que o circundam, manifestando o seu interesse para o outro. O bebê busca a relação com o outro utilizando o seu corpo, revelando ao olhar do outro aquilo que o agrada. Esta habilidade corpórea desenvolve-se de forma vertiginosa, fazendo com que esse bebê saia de uma imobilidade total para uma condição que o permitirá buscar o objeto e o outro. (Ajuriaguerra, 1996, Delion, 2000)

O bebê nos seus primórdios fará uso de uma expressividade corpórea que aos poucos perde a sua funcionalidade, a tonicidade. O tônus do bebê fornece ao cuidador um canal de comunicação para com ele, pois o bebê utiliza-se da rigidez corpórea, ficando hipertônico, para comunicar estados de insegurança, desconforto e mal-estar, e apresenta-se de forma maleável e moldável ao corpo do outro, de forma hipotônica, quando está satisfeito, confortável e seguro.

Por outro lado, a capacidade de percepção da linguagem humana feita pelo bebê desde os seus primórdios é objeto de estudo e de embate entre os pesquisadores. Os

dois principais grupos dividem-se entre aqueles que sustentam o inatismo da capacidade de percepção pelo bebê, afirmando que essa capacidade pertence às condições do aparelho neurológico herdado pelo bebê, e o grupo que sustenta a tese de que todo o processo de compreensão feito pelo bebê deve-se à sua inserção, desde o seu nascimento, no grupo social de falantes de uma dada língua (Mehler e Dupoux, 1900; Chomsky, 1997). Nossa posição toma o conhecimento produzido por esses dois grupos para compreender que, entre uma “tabula rasa” e um organismo geneticamente determinado, modelos suficientes para explicar fenômenos simples, há a complexidade do ser humano que não pode ser reduzido a modelos radicais que excluam as condições do organismo ou a presença do entorno cultural.

O aparelho perceptual humano é uma condição do organismo, mas essa condição não assegura totalmente a produção perceptual do bebê, pois o seu entorno irá especializar a percepção linguística do bebê de forma extremamente precoce, considerando diferentes discriminações sensoriais (Mehler *et al.*, 2000; Christophe *et al.*, 2001; Weikum *et al.*, 2007). Junto às condições do organismo, a cultura oferece um modelo e um padrão sonoro específico da língua ao qual esse bebê está sendo submetido. Cada língua possui características fonéticas próprias, com variâncias dialetais, mas com uma identidade sonora. Essas particularidades fonéticas são, desde o princípio, identificadas pelo bebê, que vai então selecionando quais são sons significantes e distintivos

ESPAÇO ABERTO

da língua na qual ele está sendo inserido e que ele passará a produzir (Kuhl, 2009; Jakobson, 1978).

Essa condição da língua é essencial para que o bebê possa reconhecer o que é e o que não é língua. Assim, sons que não produzem distinção numa língua não serão reconhecidos como elementos sonoros necessários para a compreensão e produção da linguagem pelo bebê (Gervain *et al.*, 2008; Skoruppa *et al.*, 2009).

A grande variedade de línguas existentes, aliada à incapacidade de um ouvinte adulto de fazer os recortes de palavras e de reconhecer elementos fonéticos particulares quando expostos a línguas estrangeiras desconhecidas, nos autoriza a sustentar que as condições orgânicas iniciais do bebê são suplantadas pela sua experiência com a língua materna. Constrói-se sobre uma base inicial, um processo complexo que se apoia sobre duas condições necessárias e constituintes: o organismo e a cultura.

O bebê recorta do universo sonoro ao qual está exposto os sons da fala humana, e reconhece esse pequeno *corpus* sonoro como um canal de comunicação com esse outro que se dirige a ele. A atenção do bebê à fala dos cuidadores em detrimento dos sons não linguísticos faz com que ele possa distinguir os sons da fala e os sons circundantes que serão identificados como ruídos (Kuhl, 2009).

As pesquisas, que se dedicam à compreensão desse processo inicial de percepção da fala humana pelo bebê, mostram que ele é capaz de identificar os sons da fala da língua materna já na primeira semana de vida, apontando para a alta capaci-

dade de especificação do aparelho perceptual (Mehler *et al.*, 2000).

Outros estudos (Molina, Barbu-Rothe e Jouen, 2004) têm investigado o tratamento multimodal de informações sensoriais como uma propriedade biológica dos bebês. Eles analisaram a marcha de recém-nascidos dispostos a fluxos ópticos e concluíram que o tratamento multimodal dos fluxos sensoriais identifica que, desde muito cedo, os recém-nascidos realizam processos cognitivos.

RELAÇÃO COM A PRÁTICA: A APOSTA NO OUTRO

Até mesmo os profissionais se questionam sobre qual o caminho comunicacional possível para que haja relação entre um bebê surdo e seus pais ouvintes.

“Até que ponto a existência de uma limitação sensorial, no caso a surdez, poderia ser um fator limitante para haver uma interação motivadora e duradoura? Como uma criança que não fala e não escuta poderia de fato manter esse tipo de interação com outra pessoa que fala e escuta?” (Rossi, 2003, p.99)

A resposta a essas indagações, que revelam a condição aflita daquele que precisa lidar com este bebê surdo, é falar através dos sons, dos gestos, das expressões e dos silenciamentos que compõem a linguagem humana. Esta forma de relacionar-se com este outro, que é o bebê, revela a ele a aposta que este outro tem para com ele, a de que ele virá a ser um sujeito do-

tado de capacidade de comunicar o que quer e o que se passa com ele, ou seja, fazer uso da linguagem para expressar o que sente e o que quer, condições fundamentais para a constituição da subjetividade.

“Portanto, não se ensina gramática à criança, tampouco a criança aprende: ela a *constrói* a partir dos ‘dados escassos e degenerados’ à sua disposição. E isso não seria possível se a gramática, ou sua possibilidade, já não existisse na criança, em alguma forma latente que se encontra à espera para concretizar-se. Deve haver, como indica Chomsky, ‘uma estrutura inata que é rica o bastante para explicar a disparidade entre experiência e conhecimento’.” (Sacks, 2000, p.94)

A produção sonora do bebê constrói ainda uma outra condição fundamental para o desenvolvimento deste, que é a antecipação, feita pelos cuidadores, de que esse bebê será uma criança que irá conseguir falar, já que ela já o faz, desde o início, de forma desenvolta. Essa certeza por parte do outro assegura ao bebê uma fonte expressiva fundamental para a sua entrada na linguagem socializada (Boysson-Bardies, 2007).

Desta forma, o bebê se comunicará de forma gradativa, com produções cada vez mais complexas, desde o choro até a produção de frases. Inicialmente seu choro passa a ser, pouco a pouco, interpretado pelo adulto, em seguida sua produção é realizada a partir de vocalizações, depois por balbucios compostos inicialmente por repetições de sílabas bilabiais (ex: papa, baba e mama), seguidos então pela produção de monossílabos intencionais

(ex: dá), de palavras isoladas que substituem frases inteiras, de justaposição de palavras (ex: acabou bola), até ser capaz de produzir frases simples (ex: dá água) (Azcoaga, 1971; Gopnik *et al.*, 2001). Temos um contínuo complexo de produções por parte do bebê, sempre compartilhadas com o adulto, que faz sua função de interlocutor nesta relação (Lemos, 2002).

A criança ouvinte, quando se põe a falar, revela o resultado de uma aposta feita pelo outro nesta sua condição, não se sabe a princípio o que, como e tampouco quando a criança irá falar, mas a aposta é feita desde o princípio acreditando que cada som emitido e cada resposta comportamental, mesmo aquelas reflexas, já revelam a exata compreensão da fala do outro. Esta ilusão é necessária para que o bebê possa advir na linguagem, pois ela sustenta a produção de linguagem daqueles que estão no entorno do bebê, fazendo com que todos que se aproximem do bebê “falem” com ele.

Essa fala dirigida a esse bebê não obedece a princípios pedagógicos educativos que trarão uma resposta consequente a esta fala, ela revela a intenção deste outro de comunicar ao bebê a sua aposta de que ele poderá vir a ser como ele, um ser falante.

O bebê surdo, por sua vez, não ouve a fala deste outro mas escuta o que este outro diz, essa distinção é uma prerrogativa para que possamos sustentar a importância da fala dos pais junto ao bebê surdo. A escuta não reconhece os limites físicos da audição, ela sustenta-se em todos os indícios da produção de linguagem e uma falta de um elemento faz com que os outros se tornem mais

significativos. Quando um dos elementos que sustentam a linguagem não está presente no contexto comunicacional o sujeito apoia-se nos elementos que estão disponíveis, essa falta pode dificultar e produzir alguns mal-entendidos, mas não impedem que haja comunicação e muito menos linguagem.

Se temos a convicção de que ouvimos vozes sonoras, temos também a certeza que vemos gestos e intenções e percebemos o silêncio do outro mesmo sem vê-lo e sobretudo sem ouvi-lo. Sacks (2000), em seu livro sobre a estrutura e condição da fala através dos gestos, nos mostra a condição de ver as vozes, que nos saltam aos olhos com suas expressões complexas que revelam a mesma condição estrutural da língua falada. Essa linguagem, porém, não é somente gestual no sentido de movimentos concatenados e ordenados, ela apresenta todas as outras nuances presentes na fala oralizada apresentada acima, sendo que o “som” desta fala são as palavras descritas nos sinais.

O bebê irá perceber através da fala do outro as nuances prosódicas que revelam a intenção afetiva do locutor para com ela, e irá reagir a isso de forma adequada revelando um alto grau de compreensão do processo comunicativo. Na linguagem humana, além do significado das palavras o elemento essencial para estabelecimento de sentido na comunicação humana está assentado sobre a intenção do locutor (Conboy *et al.*, 2008; Bernal *et al.*, 2010; Christophe *et al.*, 2008).

A intenção do falante encontra-se revelada na produção da fala, na intensidade empregada no ato da fala, na sua prosódia. É em função

da prosódia que os sentidos comunicativos se sustentam, e é exatamente sobre esta condição que o bebê irá se apoiar para compreender o valor da mensagem que lhe é dirigida. De forma coincidente, o adulto ao se dirigir ao bebê produz uma musicalidade na fala, chamada de manhês, que facilita a interação.

A linguagem humana é o resultado dos processos de produção e de percepção, que atuam juntos produzindo sentidos, permitindo ao falante adequar-se ao contexto comunicativo no qual está inserido. (Mahdhaoui *et al.*, 2010; Laznik *et al.*, 2005; Trevarthen *et al.*, 2006).

PARA FINALIZAR...

Sendo assim, torna-se necessário sustentar que a subjetividade não pode ser construída fora do campo da linguagem, e ao supor que linguagem e audição se equivalem o bebê surdo ficaria à margem da linguagem. Esse erro de concepção promove um impedimento significativo na capacidade de organização subjetiva, pois se o falante, ao se dirigir ao outro pela fala comunica aspectos que extrapolam os sons com seus gestos, intenções e silenciamentos, assim ao cercear a sua produção oral frente ao bebê surdo os cuidadores de seu entorno não oferecem os elementos necessários que serviriam de suporte para a organização da subjetividade e a constituição do campo da linguagem.

Encerramos com uma citação de Sacks:

“A surdez em si não é um infortúnio; o infortúnio sobrevém com o colapso da comunicação e da linguagem.” (Sacks, 2000, p.130)

Referências bibliográficas

- AJURIAGUERRA, Jean de. "A organização psicomotora e suas perturbações". In *Manual de Psiquiatria infantil*. São Paulo: Atheneu, 1996.
- AZCOAGA, Juan. "A ontogenia del lenguaje". In *Alteraciones del lenguaje en el niño*. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- BERNAL, S., DEHAENE-LAMBERTZ, G., MILLOTTE, S. e CHRISTOPHE, A. "Two-year-olds compute syntactic structure on-line". *Developmental Science*, v. 13, 2010, p. 69-73.
- BOYSSON-BARDIES, Bénédicte. "Comment la parole vient à l'enfant". *Revue Française de psychanalyse*, v. 71, 2007, p. 1473-1480.
- CHEMLA, E., MINTZ, T., BERNAL, S. e CHRISTOPHE, A. "Categorizing words using 'Frequent Frames': What cross-linguistic analyses reveal about distributional acquisition strategies". *Developmental Science*, v. 12, 2009, p. 396-406.
- CHOMSKY, Noam. "The new horizons in the study of language". *D.E.L.T.A.* 1997, p.13.
- CHRISTOPHE, A., MEHLER, J. e SEBASTIÁN-GALLÉS, N. "Perception of prosodic boundary correlates by newborn infants". *Infancy*, v. 2, 2001, p. 385-394.
- CHRISTOPHE, A., GOUT, A., PEPERKAMP, S. e MORGAN, J. "Discovering words in the continuous speech stream: The role of prosody". *Journal of Phonetics*, v. 31, 2003, p. 585-598.
- CHRISTOPHE, A., MILLOTTE, S., BERNAL, S. e LIDZ, J. "Bootstrapping lexical and syntactic acquisition". *Language & Speech*, v. 51, 2008, p. 61-75.
- CONBOY, B.T., SOMMERVILLE, J. e KUHL, P. K. "Cognitive control factors in speech perception at 11 months". *Developmental Psychology*, v. 44, 2008, p. 1505-1512.
- CORRÊA, Leticia Sicuro. "O enfoque *bottom-up* para a natureza da linguagem no Programa Minimalista e a integração competência-performance: perspectivas para um modelo cognitivo de língua empiricamente adequado". Mesa-redonda *Discutindo a competência e o desempenho*: Teoria Linguística e Metodologia Experimental. VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa, mar., 2009.
- DELION, Pierre. *L'Enfant autiste, le bébé et la sémiotique*. Paris, PUF, 2000.
- GERVAIN, J., NESPOR, M., MAZUKA, R., HORIE, R. e MEHLER, J. "Bootstrapping word order in prelexical infants: A Japanese-Italian crosslinguistic study". *Cognitive Psychology*, v. 56, 2008, p. 21-39.
- GOPNIK, Alison, KUHL, Patricia K. e MELTZOFF, Andrew. *How Babies Think*. Londres: Phoenix, 2001.
- JAKOBSON, Roman. *Langage enfantin et aphasie*. Paris: Ed. de Minuit, 1978.
- KUHL, P. K. "Linking infant speech perception to language acquisition: Phonetic learning predicts language growth". In MCCARDLE P., COLOMBO J. e FREUND L. (Eds.). *Infant pathways to language: Methods, models, and research directions*. Nova York: Erlbaum, 2008, p. 213-243.
- KUHL, P. K. "Early language acquisition: Neural substrates and theoretical models". In GAZZANIGA M. S. (Ed.). *The Cognitive Neurosciences*, 4ª ed. Cambridge: MIT Press, 2009, p. 837-854.
- LACERDA, C. B. F., NAKAMURA, H. e LIMA, M. C. *Surdez e abordagem bilíngüe*. São Paulo: Plexus, 2000.
- LAZNIK, MC., MAESTRO, S., MURATORI, F. e PARLATO-OLIVEIRA, E. "Les interactions sonores entre les bébés devenus autistes et leurs parents". In CASTAREDE, Marie-France e KO-

- NOPCZYNSKI, Gabrielle (Ed.). *Au commencement était la voix*. Paris: Erès, 2005.
- LEMOS, Cláudia Guimarães. "Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 42. Campinas: UNICAMP-IEL, 2002, p. 41-70.
- MAHDHAOU, A., CHETOUANI, M., CASSEL, R. S., SAINT-GEORGES, C., PARLATO-OLIVEIRA, E., LAZNIK, M. C. *et al.* (no prelo). "Computerized home video detection for motherese may help to study impaired interaction between infants who become autistic and their parents". *International Journal of Methods in Psychiatry Research*.
- MAMPE, B., FRIEDERICI, A., CHRISTOPHE, A. e WERMKE, K. "Newborns' cry melody is shaped by their native language". *Current Biology*, v. 19, 2009, p. 1994-1997.
- MEHLER, Jacques e DUPOUX, Emmanuel. *Naître Humain*. Paris: Odile Jacob, 1990.
- MEHLER, J., CHRISTOPHE, A. e RAMUS, F. "How infants acquire language: some preliminary observations". In MARANTZ, A., MIYASHITA, Y. e O'NEIL, W. (Ed.). *Image, Language, Brain: Papers from the first Mind-Brain Articulation Project symposium*. Cambridge: MIT Press, 2000, p. 51-75.
- MOLINA, M., BARBU-ROTH, M. e JOUEN, F. "Early integrative cognitive development in human infants". *Journal of Integrative Neuroscience*. 3(1), mar., 2004, p.19-30.
- NAGY, E. e MOLNAR, P. "Homo imitans or homo provocans? Human imprinting model of neonatal imitation". *Infant Behavior & Development*, v. 27, 2004, p. 54-63.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PINKER, S. e JACKENDOFF, R. "What's special about the human language faculty?". *Cognition*, 95(2), 2005, p. 201-236.
- PINKER, Steven. *O Instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Claudia Brerliner (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- QUADROS, Ronice Muller. *Educação de surdos*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.
- SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Laura Teixeira Motta (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROSSI, T. R. F. "Mãe ouvinte/filho surdo: a importância do papel materno no contexto do brincar". In SILVA, I. R., KAUCHAKJE, S. e GESUELI Z. M., *Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2003.
- SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SKORUPPA, K., PONS, F., CHRISTOPHE, A., BOSCH, L., DUPOUX, E., SEBASTIÁN-GALLÉS, N., ALVES LIMISSURI, R. e PEPERKAMP, S. "Language-specific stress perception by nine-month-old French and Spanish infants". *Developmental Science*, v. 12, 2009, p. 914-919.
- TREVARTHEN, C., AITKEN, K.J., VANDEKERCKHOVE, M., DELAFIELD-BUTT, J. e NAGY, E. "Collaborative regulations of vitality in early childhood: Stress in intimate relationships and postnatal psychopathology". In CHICCHETTI, D. e COHEN, D.J. (Ed.). *Developmental Psychopathology*, 2ª ed., vol. 2. Hoboken: Wiley & Sons, 2006, p. 65-127.
- WEIKUM, W. M., VOULOUMANOS, A., NAVARRA, J., SOTO-FARACO, S., SEBASTIAN-GALLÉS, N. e WERKER, J. F. "Visual language discrimination in infancy". *Science*, v. 316, 2007, p. 1159-1159.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Vozes, 1994.